

CAPÍTULO 6

A DEIDADE ASTECA TONANTZIN/CIHUACÓATL, A DESCRIÇÃO DE SUA PARTIDA NA *HISTORIA GENERAL DE LAS COSAS DE NUEVA ESPAÑA* E SEU POSSÍVEL RETORNO NO CONTEXTO DA CONQUISTA ESPIRITUAL DO MÉXICO NO SÉCULO XVI

Data de aceite: 02/05/2023

Daniela Rigon Ratochinski

Universidade Estadual de Maringá
<http://lattes.cnpq.br/2451702256289157>

Natally Vieira Dias

Universidade Estadual de Maringá
<http://lattes.cnpq.br/2968467994422413>

local onde se faziam as oferendas à deusa asteca, e representaria, então, uma espécie de retorno de Tonantzin, “Nossa mãe”, na forma sincrética da imagem mariana.

PALAVRAS-CHAVE: História do México colonial; conquista espiritual; deidades astecas; *Historia General de las Cosas de Nueva España*; frei Bernardino de Sahagún.

Uma versão inicial do presente texto foi publicada nos Anais do II Congresso Internacional Mundos Indígenas, 2021.

RESUMO: O artigo apresenta uma análise da narrativa sobre a despedida da deusa asteca conhecida como Tonantzin, “Nossa mãe”, e Cihuacóatl, “Mulher serpente”, que aparece no Livro XII da *Historia General de las Cosas de Nueva España*, produzida pelo frei franciscano Bernardino de Sahagún e seus ajudantes indígenas no contexto da “conquista espiritual” do México, em meados do século XVI. Mostramos que a partida da deusa pode ser inserida na tradição mesoamericana de despedida e possível retorno de suas deidades e argumentamos que essa tradição pode ter sido fundamental para o sucesso da devoção à Virgem de Guadalupe, cuja capela foi erigida no mesmo

ABSTRACT: The current article analyzes the narrative about the departure of the Aztec goddess known as Tonantzin, “Our Mother”, and Cihuacóatl, “The Serpent Woman”, which appears in Book XII of the *Historia General de las Cosas de Nueva España*, produced by the Franciscan friar Bernardino de Sahagún and his indigenous assistants in the context of Mexican “spiritual conquest” during the 16th century. It shows that the goddess’ departure can be thought as part of the Mesoamerican tradition of farewells and possible returns of its deities and, moreover, it must have been an important aspect for the devotion of the Virgin of Guadalupe’s success, especially because the chapel in honor of the catholic saint was built in the same hill where the ancient goddess had been worshiped by the Aztecs. Therefore, it could represent some sort of returning of Tonantzin, “Our mother”,

in the syncretic figure of the Virgin.

KEYWORDS: Mexican Colonial History; spiritual conquest; Aztec deities, *Historia General de las Cosas de Nueva España*; friar Bernardino de Sahagún.

INTRODUÇÃO

Quando abordamos o tema da “conquista espiritual”¹ na América Espanhola, uma das fontes históricas mais importantes é a obra *Historia General de las Cosas de Nueva España*. Produzida ao longo das décadas de 1540 e 1580, a obra consiste em 12 livros que reúnem informações recolhidas pelo frei franciscano Bernardino de Sahagún e seus ajudantes indígenas sobre a sociedade asteca anterior à chegada dos espanhóis e sobre o período da conquista.

A obra foi desenvolvida no contexto do processo de conquista espiritual do México, que começou antes de o Concílio de Trento organizar a Contrarreforma católica. Imediatamente após a conquista militar do império asteca (1519-1521), vários missionários catequizadores ligados às ordens mendicantes foram enviados à região para converter os indígenas. Muitos desses missionários buscaram persuadir – mais do que simplesmente forçar – os indígenas a aderir à fé católica. Eles buscaram conhecer as culturas indígenas e aprender suas línguas para, assim, conseguir traduzir a religião católica para o universo cultural indígena. Chegaram, inclusive, a traduzir livros da Bíblia católica para o idioma *náhuatl*, falado pelos astecas. (RICARD, 2014; GRUZINSKI, 2006.)

O frei franciscano Bernardino de Sahagún foi um dos mais atuantes nesse processo. Ele chegou ao México em 1529, com apenas 30 anos de idade, e viveu ali pelo resto da vida, vindo a falecer com mais de 90 anos, em 1590. Desde que chegou, buscou aprender o idioma nativo, para ajudar na sua luta contra as “idolatrias” indígenas. Sahagún foi um dos organizadores e primeiros professores Colégio-convento de Santa Cruz de Tlatelolco, criado em 1536, e voltado para a educação dos jovens descendentes da antiga elite asteca. (ALVIM, 2005.)

Nesse colégio-convento, além do catecismo católico, era ensinado aos alunos indígenas a língua espanhola, a ler, escrever e cantar na língua dos conquistadores. Foram alguns dos alunos indígenas dessa instituição que se tornaram os ajudantes de Sahagún para a elaboração da obra *Historia General*. Entre esses, destacaram-se Antonio, da cidade de Azcapotzalco; Antonio Verjarano, de Cuautitlán; Martín Jacobita, Pedro de San Buenaventura e Andrés Leonardo, sendo os três últimos originários de Tlatelolco. (LEÓN-PORTILLA, 2005; ALVIM, 2005.)

Boa parte das informações sobre o passado asteca foram colhidas por Sahagún

1 O termo “conquista espiritual” foi cunhado na década de 1930 pelo historiador francês Robert Ricard e se refere não apenas ao âmbito da religião em si, mas ao processo mais amplo de imposição da cultura ocidental sobre os indígenas, que envolveu uma busca sistemática por transformar as culturas nativas como um todo, incluindo não apenas o abandono das religiosidades ancestrais em detrimento do catolicismo, mas também a substituição das línguas indígenas pelo idioma castelhano e a imposição do modo de vida ibérico. (RICARD, 2014 [1933]; GRUZINSKI, 2003.)

e seus ajudantes entre os anciãos das comunidades indígenas, utilizando-se do seguinte procedimento:

Chegando a um povoado, solicitava[m] aos senhores locais a indicação de alguns anciãos que conhecessem as antigas estruturas da sociedade mesoamericana. Estes respondiam, na maioria das vezes oralmente, a uma espécie de questionário que Sahagún havia elaborado a *priori*. (ALVIM, 2005, p. 56.)

Como destaca Márcia Helena Alvim (2005), baseando-se no trabalho de Miguel León-Portilla (1999), por vezes as respostas eram dadas pelos indígenas a Sahagún e seus ajudantes não apenas de forma oral, mas também por meio de ilustrações e pinturas, que eram parte da tradição dos códices mesoamericanos, anterior à conquista. Muitas dessas imagens foram integradas à versão final da obra *Historia General*, que também é conhecida como *Códice Florentino*. (ALVIM, 2005, p. 56-7.)

O longo processo de produção da *Historia General* envolveu diferentes fases. O último livro que compõe a obra, o Livro XII, relativo à conquista, foi elaborado no início do processo e os 12 livros foram escritos originalmente em *náhuatl*. Posteriormente, durante a década de 1570, esses vários manuscritos foram reunidos em uma obra unificada, que incluiu a tradução para o espanhol e também as imagens. A obra bilingue e ilustrada foi finalizada por volta de 1577-79 e, em 1585, ganhou uma revisão, especialmente no Livro XII, visando “suavizar” os aspectos mais condenatórios das ações espanholas durante a conquista, marcantes no relato que Sahagún e seus ajudantes haviam colhido dos anciãos indígenas. (LEÓN-PORTILLA, 2013.)

O foco de nosso trabalho é precisamente o Livro XII da *Historia General*, que trata da conquista do México. O texto foi escrito com base em relatos de indígenas de Tlatelolco, colhidos por volta de 1550 a 1555. Nossa intenção é analisar como aparece nessa fonte histórica o tema da despedida da deidade Tonantzin, também conhecida como Cihuacóatl, e a possível relação entre sua despedida dos astecas no contexto da conquista e o seu possível retorno de forma sincrética na figura da Virgem de Guadalupe.

TONANTZIN/ CIHUACÓATL NAS FONTES NATIVAS COLONIAIS

Podemos incluir a obra *Historia General* como parte do rico acervo de fontes históricas nativas coloniais, tal como proposto por Eduardo Natalino dos Santos (2007). Essas fontes englobam diversos tipos de escritos produzidos durante a colonização, como, por exemplo, códices pictográficos, típicos da cultura mesoamericana anterior à chegada dos espanhóis, mesmo quando a sua produção pelos indígenas após a conquista tenha sido encomendada ou supervisionada pelas autoridades coloniais; textos alfabéticos escritos nas línguas nativas transcrevendo os códices indígenas; e mesmo textos alfabéticos escritos em espanhol (ou outra língua de origem europeia) que reproduzem explicações históricas,

cosmogônicas e/ou cosmológicas nativas. O autor mostra que esse tipo de fonte histórica inclui até mesmo escritos de autoria espanhola que tenham sido fortemente influenciados pelas tradições de escrita e pensamento indígena, como é o caso da *Historia General*. (SANTOS, 2007, p. 23; 29.)

Além da obra produzida por Sahagún e seus ajudantes indígenas, a menção à Tonantzin/Cihuacóatl aparece em outras fontes nativas coloniais, como a *Leyenda de los Soles*, que integra o *Códice Chimalpopoca*, e também em fontes pré-hispânicas, como o *Códice Borgia*, sendo ela “considerada uma das mais importantes deidades femininas entre os mexicas no século XVI.” (SANTOS, 2002, p. 238.) Os dois nomes associados à deidade significam, respectivamente, “Nossa mãe”, Tonantzin, e “Mulher serpente”, Cihuacóatl.

Maarten Jansen (2002) mostra que, no *Códice Borgia*, a deidade aparece como “Mujer serpiente”, deusa do inframundo, e também associada a deidade “Citlallucue, ‘A da saia de estrelas’, ou seja, a Via Láctea, pelo que tem os atributos de criadora e protetora dos humanos.” (JANSEN, 2002, p. 285.) Daí, possivelmente, sua apresentação também como “Nossa mãe”, aspecto que é enfatizado na *Leyenda de los Soles*. Como mostra Santos (2002), na narrativa dessa fonte nativa colonial,

Cihuacoatl possui uma participação central na confecção da atual humanidade, cujos ossos, que haviam sido trazidos de Mictlán por Quetzalcóatl, foram levados para Tamoanchan, onde “...los molió la lamada Quilachtli: ésta es Cihuacóatl, que a continuación los echó en un lebrillo precioso. Sobre él se sangró Quetzalcóatl su miembro...” (SANTOS, 2002, p. 241.)

Já na *Historia General*, podemos perceber uma grande diferença de perspectiva, pois, nessa narrativa, a ênfase é retirada da relação da deidade com os aspectos cosmogônicos mesoamericanos e colocada nas supostas adversidades a ela atribuídas. Segundo Sahagún, nos relatos orais que recolheu dos indígenas, “decían ellos que esta diosa daba cosas adversas como pobreza, abatimiento, trabajos.” (SAHAGÚN, 2020 [15??], Livro I, p. 35.) Embora apareça na obra que a deidade era conhecida também como Tonantzin, que significa “Nossa mãe”, percebemos que, em *Historia General*, a denominação mais comum usada para a deidade é Cihuacóatl, “Mulher da serpente”, e Sahagún a relaciona à figura Bíblica de Eva: “parece que esta diosa es nuestra madre Eva, la cual fue engañada de la culebra.” (SAHAGÚN, 2020 [15??], Livro I, p. 35.)

O frei franciscano se utiliza, então, do nome nativo da deidade que a relacionava à serpente – o que no imaginário mesoamericano tinha uma acepção positiva – para associá-la a esse animal, que no imaginário cristão medieval possuía uma conotação fortemente negativa associada a Lúcifer. A serpente, que no livro do Gênesis engana Eva, é uma das primeiras imagens ligadas ao demônio na tradição cristã. (RODRÍGUEZ, 2011; PARMEGIANI, 2011.)

Como mostramos na citação anterior, Sahagún procura associar a própria nomenclatura de “nossa mãe” da deidade asteca à *noção cristã* de “nossa mãe Eva.” Isso

se explica não apenas como uma tentativa de aproximá-la da figura bíblica de Eva, mas, principalmente, de afastá-la do ícone da Virgem Maria. É importante observar que, enquanto na cultura asteca não havia qualquer contradição entre as duas imagens da deidade, na leitura cristã de mundo dos colonizadores, ela condensava duas imagens antitéticas da mulher presentes no relato bíblico. Enquanto Eva, ligada à serpente, representa o pecado original, aquela que caiu na tentação demoníaca, a Virgem Maria, mãe de Jesus, representa a mulher ideal na qual todas as outras deveriam se inspirar. (MARTÍNEZ, 1990.)

A preocupação de Sahagún de afastar a lógica do nome “Nossa mãe” da deidade asteca da figura da Virgem Maria se relacionava diretamente com a sua crítica ao sincretismo religioso que começava a se formar entre os indígenas, assimilando os santos católicos às suas antigas deidades. Sahagún foi um dos primeiros a perceber e denunciar que os nativos, mais do que realmente convertidos à nova religião, estavam mesclando as suas antigas crenças com a nova doutrina católica. Ele foi um ferrenho crítico inclusive da própria peregrinação à colina onde supostamente havia aparecido a Virgem de Guadalupe, pois era exatamente a mesma colina onde desde de os tempos imemoriais os indígenas realizavam oferendas à deidade Tonantzin/Cihuacóatl. (GRUNZINSKI, 2006, p. 144-5.)

A referida peregrinação foi instituída pelo bispo do México, Alonso de Montúfar, na década de 1550, mas Sahagún entendia que essa devoção aparentemente católica, na verdade, servia para disfarçar a “idolatria.” Na visão do frei franciscano, a peregrinação à colina de Tepeyac, que agora abrigava a capela da Virgem de Guadalupe, encobria a continuidade do culto ancestral a Tonantzin, “Nossa mãe”, que era mantido de forma velada, mesclado com a devoção mariana imposta pela Igreja Católica. (GRUNZINSKI, 2006, p. 145.)

Essa crítica de Sahagún, na verdade, se inseria num amplo debate teológico decorrente do Concílio de Trento. A partir de então, as novas orientações tridentinas do clero regular passaram a enfatizar a devoção às imagens dos santos, contra a lógica do trabalho missionário das ordens mendicantes, que vinha se desenvolvendo centrado na palavra, ou seja, nos catecismos escritos e na tradução de textos bíblicos para as línguas indígenas, o que foi proibido, a partir de 1565, pelo 2º Concílio Mexicano. (GRUNZINSKI, 2006, p. 155-157; RODRIGUES, 2015, p. 3.)

O sincretismo religioso entre a deidade Tonantzin e a Virgem de Guadalupe detectado e criticado por Sahagún e outros religiosos da época foi, na verdade, fomentado pelo arcebispo Montúfar certamente para “satisfazer a objetivos políticos” do prelado, como bem observa Serge Gruzinski. A peregrinação à capela da Virgem de Guadalupe na colina de Tepeyac conseguiu centralizar a devoção de nativos e espanhóis, “seduzir” os indígenas com “uma forma de cristianismo mais compatível com a tradição autóctone” e também para que “escapassem à influência dos pastores [freis] franciscanos.” (GRUNZINSKI, 2006, p. 144.)

O processo de criação do mito em torno da Virgem de Guadalupe no século XVI no

México e a associação à deidade Tonantzin é algo já bastante conhecido. O que gostaríamos de destacar em relação a esse caso é que “os efeitos admiráveis da imagem barroca”, como denomina Gruzinski (2006, p. 137), podem ter chegado a ser tão expressivos não apenas pela inegável perspicácia do clero tridentino, mas igualmente pela existência de uma tradição mesoamericana de retorno dos deuses, que funcionou como um pano de fundo sobre o qual a invenção do bispo se propagou.

Mostraremos como a obra *Historia General* apresenta a despedida da deidade Tonantzin/Cihuacóatl no contexto da conquista do México-Tenochtitlán e desenvolveremos uma reflexão sobre como esse evento pode ser relacionado a uma significativa tradição mesoamericana de retorno dos deuses.

A DESPEDIDA DE TONANTZIN/CIHUACÓATL NA HISTORIA GENERAL

A deusa Cihuacóatl – denominação mais utilizada usada por Sahagún – é uma das deidades femininas que mais aparece na *Historia General*. No Livro XII, que trata da conquista espanhola, aparece uma importante narrativa que descreve a sua despedida pouco antes da chegada dos invasores, no momento em ocorriam os “presságios funestos”:

Um sexto presságio funesto. Ouvia-se muitas vezes uma mulher a chorar, vinha gemer pela noite, gemia muito, passava gritando: “Meus filhos queridos, chegou a hora da nossa partida!”. E às vezes dizia: “Meus filhos queridos, onde hei de vos levar?” (SAHAGÚN, 2019 [15??], p. 72.)

O título do capítulo em que aparece a narrativa acima é “Em que se diz como apareceram, como se viram os sinais, os presságios de desgraça, antes que os espanhóis viessem aqui a este país, antes que aqui fossem conhecidos pelos habitantes”. Sabemos que a descrição citada acima é da deusa Tonantzin/Cihuacóatl por conta dos gritos, que são apresentados no Livro I de *Historia General* como uma das características principais dessa deidade, e também pelo tratamento empregado para falar aos astecas como “meus filhos queridos”, usado por aquela que era “Nossa mãe”, Tonantzin.

Como já mencionamos, o Livro XII, referente à conquista, foi finalizado por Sahagún no início do processo de construção da obra. Tratou-se de um relato baseado em testemunhos de anciãos indígenas que haviam sobrevivido ao processo de conquista militar. Nele se explicita de forma contundente o desespero e desolação dos mexicas diante da invasão. A presença de algumas deidades é algo marcante nessa narrativa, tanto no momento anterior à chegada dos invasores espanhóis, nos presságios, como é o caso da despedida de Tonantzin/Cihuacóatl, quanto já durante a invasão.

É nesse momento que aparece o deus Tezcatlipoca, uma das mais importantes deidades do panteão asteca, relacionada a eventos cosmogônicos, ligada ao fogo e à guerra e reconhecida por seus vínculos com o poder do soberano e sua capacidade de ver o futuro, por meio de um característico “espelho fumegante”, que ele apresenta no lugar

de um dos pés. (SANTOS, 2002; OLIVIER, 1999.) Na narrativa do Livro XII da *Historia General*, Tezcatlipoca teria aparecido aos magos e sacerdotes enviados pelo soberano asteca para falar com os espanhóis, antes da guerra se iniciar. Quando eles iam ao encontro dos invasores, Tezcatlipoca lhes teria aparecido disfarçado de um homem bêbado e lhes teria revelado o que ocorreria dentro de pouco tempo, dizendo: “Olhai para México. O que aconteceu[,] aconteceu!” O relato segue contando que, então, que eles

se viraram, deram meia-volta e viram que todos os templos já estavam em chamas [...] e todas as casas de México-Tenochtitlán. Era como se já houvesse acontecido o combate.

E, quando os feiticeiros viram aquilo, foi como se o coração lhes tivesse fugido do peito; eles não conseguiam mais falar claramente, foi como se alguém os tivesse obrigado a engolir uma coisa. Disseram: “Não éramos nós que tínhamos de ver isso; era antes ele, Montezuma [o soberano], que precisava ver o que vimos.” (SAHAGÚN, 2019 [15??], p.107.)

Na narrativa, após fazer essa revelação aos sacerdotes e magos astecas, Tezcatlipoca partiu, da mesma forma que ocorreu com a deusa Tonantzin/Cihuacóatl.

O tema da partida e possível retorno de divindades é algo marcante na cultura mesoamericana. Um dos exemplos mais conhecidos a respeito é o do deus Quetzacóatl, que teria sido expulso precisamente por Tezcatlipoca e prometido retornar para governar a região. Pelos relatos da *Historia General*, a crença dos indígenas no retorno de Quetzacóatl, inclusive, os teria levado a associar a chegada dos invasores ao retorno da deidade: “E, quando se acercaram muito dos espanhóis, tendo-os bem defronte [...], pensaram que se tratava dele, do nosso senhor Quetzacóatl, que tinha chegado.” (SAHAGÚN, 2019 [1577]; p. 35.)

Essa crença no possível retorno das deidades parece-nos estar fortemente envolvida na associação entre a Virgem de Guadalupe e a deusa Tonantzin/Cihuacóatl. E o caso se torna ainda mais emblemático pelo fato de a despedida dessa deidade asteca ocorrer precisamente no contexto da invasão espanhola, segundo a narrativa da *Historia General*. Dessa forma, se, por um lado, o surgimento da imagem da Virgem se relaciona diretamente com a invenção elaborada pelo bispo Montúfar, por outro, o sucesso de sua devoção pelos indígenas talvez se explique muito mais pela persistência da crença indígena ancestral na volta dos seus antigos deuses.

Como tem sido mostrado pela historiografia, a preservação de elementos religiosos – e culturais, de uma forma geral – de origem pré-hispânica, que os colonizadores entenderam como persistente “idolatria”, deve ser compreendida como uma “manifestação global de resistência cultural indígena.” A luta para manter suas culturas contra a conversão forçada ao catolicismo e todo o processo de ocidentalização envolvido na “conquista espiritual” foi uma das formas mais marcantes da resistência dos povos indígenas à dominação colonial, para além das revoltas e rebeliões, que, por sua vez, ocorreram muitas vezes articuladas em torno das expressões de resistência cultural. (VAINFAS, 1992; BRUIT, 1995.)

Nesse sentido, o caso de Tonantzin-Virgem de Guadalupe, dentro do contexto colonial de meados do século XVI no México, talvez possa ser pensado menos como uma demonstração do sucesso da colonização, e muito mais como uma expressão daquelas “astúcias milenares” evocadas por Michel de Certeau (1998) ao tratar da “tática” como “arte do fraco”, que “não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto.” (CERTEAU, 1998, p. 100-103.) Vistos por esse prisma, talvez não sejam assim tão admiráveis os efeitos da imagem barroca.

REFERÊNCIAS

Fontes

SAHAGÚN, Bernardino de. **Historia General de las Cosas de Nueva España** [15??]. Barcelona, Linkgua, 2020.

_____. Livro XII da *Historia General de las Cosas de Nueva España*. In: BAOUDOR, Georges; TODOROV, Tzvetan. **Relatos Astecas da Conquista**. São Paulo: Unesp, 2019.

Bibliografia

ALVIM, Márcia Helena. Um franciscano no Novo Mundo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 21, nº 1, 2005, p. 51-60.

BRUIT, Héctor. **Las casas e a simulação dos vencidos**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – I. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização do México espanhol séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo e Blade Runner (1492-2019)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JANSEN, Maarten. Uma mirada al interior del Templo de Cihuacóatl. Aspectos de la función religiosa de la escritura pictórica. In: ARELLANO HOFFMANN, Carmen; SCHMIDT, Peer; NOGUEZ, Xavier (coords.). *Libros y escritura de tradición indígena: Ensayos sobre los códices prehispánicos y coloniales de México*. México: EL Colegio Meziquense, 2002, p. 279-326.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Bernardino de Sahagún: pionero de la antropología**. México: UNAM; El Colegio Nacional, 1999.

_____. Analogía y antropología: la arquitectura de la *Historia general de las cosas de Nueva España*. In: ROMERO GALVÁN; José Rubén; MÁYNEZ, Pilar (coords.). **El universo de Sahagún: pasado y presente**. Coloquio 2005. México: Universidad Nacional Autónoma de México; Instituto de Investigaciones Históricas, 2005.

_____. La conquista de México duramente condenada por Sahagún. **Estudios de Cultura Náhuatl**, UNAM, v. 45, 2013, p. 149-155. Disponível em: <<https://nahuatl.historicas.unam.mx/index.php/ecn/article/view/77711/68757>> (Acesso em: 05/04/2023.)

MARTÍNEZ, Rodrigo. Las apariciones de Cihuacóatl. **Historias**. INAH-UNAM, nº 24, 1990, p. 55-66. Disponível em: <<https://revistas.inah.gob.mx/index.php/historias/article/view/14612>> (Acesso em: 06/04/2023.)

OLIVIER, Guilhem, “Huehucóyotl, “Coyote Viejo”, el músico transgresor. ¿Dios de los otomíes o avatar Tecatlipoca?.” **Estudios de Cultura Náhuatl**, UNAM, v. 30, 1999, p. 113-132. Disponível em: <<https://nahuatl.historicas.unam.mx/index.php/ecn/article/view/9202/8580>> (Acesso em 04/04/2023.)

PARMEGIANI, Raquel de Fátima. O maravilhoso apocalíptico. **Oracula**. São Paulo, v. 7, nº 12, 2011, p. 118-132

RICARD, Robert. **La conquista espiritual de México** [1933]. México: FCE, 2014. [Edição eletrônica.]

RODRIGUES, Flora Alice Lima. A trajetória do Códice Florentino de Bernardino de Sahagún e seus auxiliares indígenas. In: Simpósio Nacional de História, 28. 2015, Florianópolis, *anais...* Florianópolis: Anpuh, 2015.

RODRÍGUEZ, María Elisa Deibis. Las diosas astecas en las crónicas de fray Bernardino de Sahagún: una mirada sesgada a la historia del arte prehispánico. 2011. Dissertação, (mestrado em artes plásticas) – escuela de arte, universidad central de Venezuela, Venezuela.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México Indígena**. São Paulo: Palas Athenas. 2002.

_____. Fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes: conjuntos e problemas de entendimento e interpretação. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1 n. 22, 2007, p. 7-49. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002303022> (Acesso em 11/03/2021)

VAINFAS, Ronaldo. Idolatrias e milenarismos: a resistência indígena nas Américas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 5, nº. 9, 1992, p. 29-43.